



## Entre a lembrança e o esquecimento: a Shoá na literatura brasileira

Memory and Oblivion: the Shoah in Brazilian Literature

Berta Waldman\*

**Resumo:** O propósito deste artigo é refletir sobre alguns exemplos de como a literatura brasileira configurou as atrocidades perpetradas durante a Segunda Guerra Mundial, a Shoá, posicionando-se em relação à lembrança e ao esquecimento.

**Palavra-chaves:** Memória. Shoá. Literatura Brasileira.

**Abstract:** The purpose of this article is to reflect on a few examples of how the Brazilian literature has configured the atrocities perpetrated during the second world war, the Shoa, positioning itself in relation to memory and oblivion.

**Keywords:** Memory. Shoah. Brazilian Literature.

O Holocausto é um tema privilegiado na pauta de discussão de disciplinas distintas das ciências humanas e das artes. Se no início, os textos eram escritos principalmente por sobreviventes e imigrantes judeus, passadas várias gerações, o tema é de domínio público na literatura de diferentes países.

A questão da memória é recorrente nessa literatura. Primo Levi, afirmou em *Os afogados e os sobreviventes*<sup>1</sup> que os que sobreviveram teriam “ficado para testemunhar”. Algo semelhante foi afirmado por Elie Wiesel, quando, ao relatar sua experiência da guerra em seu livro *A noite*,<sup>2</sup> repetiu numerosas vezes “Nunca me esquecerei”. Essa questão não passou despercebida na produção acadêmica brasileira.<sup>3</sup>

Já Harald Heinrich mostra outra dimensão da memória. Não propriamente o “silêncio”, mas o “esquecimento”. Em *Lete, arte e crítica do esquecimento*, ele apresenta as diferentes maneiras pelas quais os homens lidam com o esquecimento. Seu argumento é que lembrança e esquecimento andam juntos, mas esse último ponto tem sido recorrentemente relegado; o autor defende, a partir dessa constatação, que é preciso fazer uma “história cultural do esquecimento”.<sup>4</sup>

O propósito deste artigo é trazer para a reflexão alguns exemplos de como a literatura brasileira configurou as atrocidades perpetradas durante a Segunda Guerra Mundial, posicionando-se em relação à lembrança e ao esquecimento.



1. Exemplar em termos de cruzamento de culturas é um fragmento de *A guerra no Bom Fim*, romance de 1972, de Moacyr Scliar,<sup>5</sup> em que o autor traz a barbárie nazista para Porto Alegre. Ao longo do romance, o escritor vai oferecendo ao leitor pistas que lhe permitam chegar ao episódio em que os filhos do alemão Ralph Schmidt prendem e matam o velho judeu Samuel e, não sabendo o que fazer com o corpo, transformam-no num churrasco de domingo. Repetidas vezes o alemão, o polonês e o negro no romance fazem ameaças de transformar os judeus em churrasco, numa alusão clara aos fornos crematórios. O narrador em terceira pessoa informa também que o Brasil havia acolhido uma grande leva de alemães nazistas depois da Segunda Guerra Mundial. Assim, quando os filhos do alemão Ralph Schmidt resolvem prender o velho Samuel para presentear-lo ao pai no dia de seu [do pai] aniversário, já tinham sido criados os suportes de verossimilhança. Scliar, entretanto, terá que usar o fantástico e enquadrar o episódio no Carnaval, momento de inversão da ordem, para levar adiante os aspectos grotescos e mórbidos dos acontecimentos.

Quando os filhos de Ralph matam gratuitamente o velho judeu e o transformam em churrasco, eles estão promovendo a passagem de uma expressão metafórica em literal, e alçando a situação ao plano fantástico. É a mulata Maria, mãe das crianças criminosas que, em sua ignorância (ela não sabe o que os filhos e o leitor sabem), começa a comer o corpo de Samuel. Para além dos aspectos macabros que o episódio suscita, podemos interpretá-lo pelo viés antropofágico. Quando Maria come a carne humana, o autor a transforma em uma canibal nativa. Ela é a autóctone em oposição ao marido e aos filhos que se parecem ao pai, o europeu civilizado, branco. Por intermédio do comportamento do branco europeu e do nativo, o leitor é levado a avaliar uma das consequências banais da colonização: a corrupção dos nativos pelo europeu, este o verdadeiro bárbaro, numa inversão clara da óptica colonialista. Com esse episódio, o escritor ilustra um crime macabro que indicia o extermínio nazista, ao mesmo tempo em que inclui uma tomada de posição com relação ao processo bárbaro de colonização a que branco europeu submeteu o Brasil e a América Latina. Assim, a alusão ao Holocausto não tem primazia e vem amalgamada a um aspecto histórico-cultural que envolve o Brasil.

2. *Diário da queda*,<sup>6</sup> romance de 2011, de Michel Laub, parte de um acontecimento nuclear, que dá sentido ao romance como um todo. Trata-se do episódio violento vivenciado pelo narrador junto a um grupo de meninos que marcará não só sua vida de adolescente, como a de adulto. É o trabalho de rememoração que trará à tona os questionamentos do garoto que se dá conta, aos poucos, do ódio que ele e os colegas, matriculados numa escola judaica, dirigem ao único não judeu da sala, João,<sup>7</sup> enterrado e humilhado repetidas vezes no tanque de areia da escola, lançando no vazio o discurso de seu pai



sobre antissemitismo. Com isso, evidencia-se como o excluído pode assumir o papel do opressor e, de modo geral, como os papéis são intercambiáveis.

O romance reúne e entrecruza três diários e o relato se faz a partir do confronto de três gerações, representadas pelo avô, o pai e o filho narrador. Acompanha o avô, um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, o mote de que “nós” judeus não podemos esquecer o assassinato em massa consumado pelo nazifascismo. O avô escapa do campo, viaja ao Brasil, para a cidade de Porto Alegre, casa-se com uma não judia que se converte ao judaísmo e nunca se refere à sua experiência de prisioneiro e de sobrevivente. Acaba se suicidando e deixa 16 volumes de memórias escritos. O filho de 14 anos é quem encontra o pai morto por uma bala de revólver. Como o avô não se refere à sua vida em Auschwitz, o leitor espera que os volumes tragam essa revelação. Mas não. Eles tratam de como a vida *deve ser* e não de como *é* ou *foi*. Lembrando um pouco os verbetes de *Bouvard e Pécuchet*, de Gustave Flaubert, que compõem um dicionário de ideias feitas por meio de citações, os textos do avô são elaborados a partir de lugares comuns, tratam de higiene, principalmente, em detrimento de qualquer registro realista do que ocorreu.

Se o avô não se refere a sua condição de imigrante e a sua vitimização pelo nazismo, o pai o faz por ele, determinando o que *não* pode ser esquecido: o que uma maioria enlouquecidamente politizada é capaz de fazer com uma minoria, num esquema rígido de perpetrador e vítima. Ironicamente, ele sofrerá de Alzheimer e perderá a memória, diluída pela doença degenerativa.

O filho/narrador compõe seu livro em fragmentos numerados, o que lhe permite transitar entre histórias e tempos; assim, ele vai e volta de modo fluido entre blocos narrativos, que ora têm o avô, o pai ou a ele próprio e seus pares como figuras centrais. A experiência marcante de sua vida adolescente é a que vive na escola judaica, na qual se admitiu um aluno pobre, não judeu, filho de um cobrador de ônibus, que vai pôr em evidência um outro lado da moeda. Nessa comunidade, os judeus são maioria e João, o não judeu, é perseguido pelos colegas. Enterram-no cada dia no tanque de areia, caçoam dele, até completar 13 anos, quando seu pai resolve fazer uma festa para retribuir o convite aos colegas que sempre o incluíam nas festas de *bar mitzvá*. Festa pobre, comida pobre, os convidados da família eram gente pobre. Os colegas de João combinam lançá-lo 13 vezes ao alto, como faziam com os demais, só que, no décimo terceiro lance, deixariam que ele caísse no chão. O narrador pondera:

[...] era só ter esticado o braço, só ter amortecido o impacto e João teria levantado, e eu nunca mais veria nele o desdobramento do que tinha feito /.../ eu me deixando



levar com os outros, repetindo os versos, /.../ come areia, come areia, come areia, góí filho de uma puta.<sup>8</sup>

Se as histórias de extermínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial que o narrador conhece lhe soam abstratas, a experiência de terem provocado a queda de João torna-se decisiva para ele. Esse momento marca a perda da inocência do narrador-protagonista, a sua *queda*. Daí para frente ele terá que se haver com quem é, o que fez, com seus limites, enfim. Sua inadaptação passa a se manifestar a partir desse ato, em conflitos consigo próprio, com o pai que não o enxerga, nem o salva, com o mundo e suas regras; a partir daí, o inferno existencial e moral vai ganhando espaço:

Depois que fiquei amigo de João também comecei a olhar para os meus amigos sem entender por que eles tinham feito aquilo, e como eles tinham me cooptado, e comecei a ter vergonha de ter gritado góí filho de uma puta, e isso se misturava com o desconforto cada vez maior diante do meu pai, uma rejeição à performance dele ao falar de antissemitismo, porque eu não tinha nada em comum com aquelas pessoas além do fato de ter nascido judeu, e nada sabia daquelas pessoas além do fato de elas serem judias, e por mais que tanta gente tivesse morrido em campos de concentração não fazia sentido que eu tivesse de lembrar disso todos os dias.<sup>9</sup>

Como se vê, o texto dialoga com o livro *É isto um homem?*,<sup>10</sup> de Primo Levi, que defendia a necessidade de testemunhar, para evitar que as atrocidades do nazismo e a redução do homem a coisa fossem esquecidos. Para ele, é um imperativo de ordem ética articular um discurso que recupere essa passagem da vida dos sobreviventes, por mais doloroso que seja o ato de narrar. Esse suposto dever é rechaçado pelo avô no romance, que insiste em fugir do passado, anulando essa experiência, e, no limite, anulando-se no ato do suicídio. Tanto Primo Levi como o avô se suicidam e as motivações podem ser as mesmas ou não. Mas o certo é que ambos manifestam a dificuldade de continuar vivos.

Como efeito da queda, o narrador vai para uma escola pública e aproxima-se de João. Os dois estão na mesma classe. Agora é este, fortalecido, que denuncia o amigo aos novos colegas e conta como ele foi desleal e participe na provocação do acidente.

Trazendo para a discussão o filósofo Theodor Adorno,<sup>11</sup> citado no romance, é sutil a maneira como se manifesta a propósito da memória. Ele não afirma que devemos nos lembrar sempre de Auschwitz, mas fazer tudo para que algo



semelhante não se repita. Não defende as comemorações e as homenagens, mas uma luta contra o esquecimento. Se essa luta é necessária, é porque não só a tendência de esquecer é forte, mas também o desejo de esquecer

A tendência maniqueísta à simplificação tende a propor a divisão da humanidade em dois grupos claramente distintos: o dos bons e o dos maus. A lição do campo, ao contrário, era que “o inimigo estava ao redor mas também dentro, o ‘nós’ perdia seus limites e os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira, mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro”.<sup>12</sup> Definir o humano a partir de uma *essência* é, de certa maneira, repetir a lógica SS e sua repartição soberana entre humanidade alemã e inumanidade judaica, entre moral humana alemã, e venalidade sub-humana judaica, entre o patrimônio genético do povo alemão e a “vida nua” dos “piolhos” judeus, exterminados nas câmaras de gás. O novo imperativo talvez seja não apenas lembrar ou esquecer, mas mapear uma nova ética que impeça o circuito da repetição. Essa proposta subjaz no livro de Laub. Ele recoloca todas essas questões abstratas vivenciadas em âmbito familiar, trata da lembrança e do esquecimento, de diferentes níveis de queda, mas desmascara as diferenças rígidas entre bons e maus, nós e eles, mostrando como as personagens *deslizam em seus papéis*, fazem escolhas, sofrem, praticam crueldades, têm sentimentos contraditórios e sobrepostos; nesse entretempo, as identidades se erigem e se desmontam.<sup>13</sup> Laub realiza um romance de formação e dentro dessa moldura enlaçam-se três gerações. Se o diário do avô apresenta o que a vida deveria ser, o do pai o “corrige”, pois trata das coisas que importam, voltadas simbolicamente ao filho, que tem que lidar com esse legado.

3. Por que os atos genocidas praticados por nazistas durante a Segunda Guerra Mundial conseguiam passar camuflados ou pouco evidentes, enquanto ocorriam? Por que os documentos altamente secretos apareciam mascarados sob criptônimos como *Umsiedlung* (deportações), quando na realidade se tratava de *extermínio*? O filósofo Horst Aspernicus<sup>14</sup> e o filólogo e professor de literatura românica Victor Klemperer<sup>15</sup> se debruçaram sobre a língua alemã utilizada durante o nazismo e concordam que há nela uma chave dupla em que reside sua ambiguidade. Os alemães queriam ser vistos como arianos nobres, heroicos, triunfantes e, ao mesmo tempo, eram assassinos de seres indefesos. Apregoavam o primeiro, executavam o segundo, e daí vem o extenso catálogo de frases feitas como *Arbeit macht frei* (O trabalho liberta) ou palavras como *Endlösung* (Solução final) como eufemismos para o crime. Mesmo que os nazistas tenham cometido crimes os mais terríveis, não queriam revelá-los. Eles não queriam permanecer na história como assassinos. A manipulação da linguagem, nesse caso, tem a função de forjar e edulcorar a história e seus acontecimentos.<sup>16</sup>



Também Cíntia Moscovich, escritora de Porto Alegre, introduz o judaísmo como um dos elementos estruturantes de sua obra. A família, o encontro entre gerações e as transformações que se vão instaurando na passagem do tempo criam enredos, oposições, choques, atropelos. Nesse contexto, “ser judeu” é um conceito cambiante e muitos dos conflitos entre pais e filhos estão relacionados a essa transformação. A passagem pela Shoá e seus efeitos nos judeus de terceira geração atravessam os relatos da escritora de alguns modos. Destaco a seguir cenas inseridas em contos construídas a partir de figuras de linguagem que se caracterizam em produzir múltiplos sentidos:

1º. “Contar garfadas. Como num campo de concentração.”<sup>17</sup> O enunciado exacerba o sofrimento da protagonista obesa que tem que passar fome para emagrecer, no romance *Por que sou gorda, mamãe?* O médico recomendou-lhe a redução de três garfadas por refeição, o mínimo de seis garfadas por dia. O alimento é farto e deve ser diminuído pela protagonista compulsiva, mas ele era parco e quase inexistente entre os internos esqueléticos dos campos de concentração: nos campos, havia escassez de alimento, na narrativa, excesso. Através da comparação (“como num campo de concentração”) constrói-se uma homologia que designa duas realidades cruzadas e antagônicas, o que institui o tom irônico. A ambiguidade essencial do discurso irônico está em aceitar, simultaneamente, sentidos cruzados que confundem o leitor, a quem cabe construir o atalho para chegar à ironia. O mesmo ocorre no exemplo a seguir:

2º. “O pai, feito o comandante de um campo de extermínio, assumiu o controle do carrinho (do aeroporto) [...]”<sup>18</sup> Parte do conto “O homem que voltou ao frio”,<sup>19</sup> a citação é uma entre várias que atravessam essa narrativa e servem para marcar a estada de um finlandês indesejado em Porto Alegre e sua construção como vítima de um desencontro. Por intermédio do recurso à menção aos campos de concentração nazistas, o relato evoca a desgraça da presença desse jovem que chega intempestivamente a Curitiba para permanecer e se casar com a jovem que conhecera em sua estada em Israel. Desde sua chegada dá-se a premonição de sua morte no final da narrativa. O jovem finlandês e não judeu não consegue fazer sua conversão ao judaísmo, quer se casar com a jovem judia de Porto Alegre que ele conheceu um dia no kibutz, e quer com ela ter filhos judeus. O pai da pretendida trabalhará contra as intenções do jovem, com a anuência da filha e da família. O “carrinho” do exemplo citado é o que contém a valise do estrangeiro recém chegado, pilotado pelo pai, que lhe dará o rumo que ele deseja (um hotel) e não o do desejo do jovem (a casa da amada).

Vejam-se outras passagens:



“Fomos juntos até o estacionamento, num silêncio constrangido – o silêncio de um forno crematório.”<sup>20</sup>

“O Ford Galaxie era um Auschwitz particular.”<sup>21</sup>

“[...] e me senti má porque fizera com que ele caísse numa emboscada: saía gás do chuveiro.”<sup>22</sup>

“Sentia-me a maldita que havia encaminhado um homem a um campo de concentração.”<sup>23</sup>

Essas construções evocam a Shoá como *lugar de memória* ou como *lugar de esquecimento*?<sup>24</sup> O recurso à evocação institui uma gravidade (falsa) advinda do vínculo ao referente Shoá, que, no entanto, tem sua história apagada. Assim, a dimensão da tragédia do ocorrido contra judeus, homossexuais, ciganos e outras minorias, durante a Segunda Guerra Mundial vira clichê, e o leitor fica a meio caminho entre a lembrança e o esquecimento, pois a lembrança não lhe diz mais respeito, não o implica.

Quando dizemos que um povo “recorda”, em realidade isso equivale a dizer que um passado foi ativamente transmitido às gerações contemporâneas por meio daquilo que em seu livro Yossef Yerushalmi chama de “canais e receptáculos da memória”<sup>25</sup> e que Pierre Nora chama com acerto “os lugares de memória”.<sup>26</sup> Assim, um povo “esquece” quando a geração que recebe o passado não o transmite à seguinte, ou quando essa geração recusa o que recebeu ou cessa de transmiti-lo. A ruptura na transmissão pode produzir-se bruscamente ou pode abarcar várias gerações. As novas gerações podem também adaptar o legado da lembrança a situações não usuais, em que o leitor se pergunta, como no caso das citações mencionadas, se a catástrofe está sendo lembrada ou esquecida.

Nos exemplos, nota-se que a Shoá é um instrumento para a construção de metáforas, metonímias, comparações, hipérbolos, litotes, com o propósito de tratar de outras situações que não o Holocausto propriamente dito.

Pertencente à terceira geração pós-catástrofe, o movimento da escritora é ambíguo – desvencilha-se de uma história marcada pela destruição e pelo trauma vivenciados por ela como herança e, ao mesmo tempo, a utiliza na construção de figuras de linguagem, trampolins para a obtenção da graça, da ironia, motivadas pela desproporção entre o que foi o morticínio coletivo da Segunda Guerra Mundial e as situações mais ou menos prosaicas da vida de uma família judaica, relativamente abastada e burguesa, na cidade de Porto Alegre.

Em que medida vale insistir na obrigação de lembrar, quando as narrativas tendem ao esquecimento?



-----  
\* **Berta Waldman** é Professora Titular da Universidade de São Paulo e Colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. É autora de, entre outros títulos: *Entre passos e rastros*.

---

## Notas

<sup>1</sup> Cf. LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>2</sup> Cf. WIESEL, Eli. *A noite*. Trad. Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<sup>3</sup> Ver: SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *Pulsional* - Revista de Psicanálise, n. 116/117, 1998/1999; SELIGMANN-SILVA, Márcio; NESTROVSKI, Arthur (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>4</sup> WEINRICH, Harald. *Lete, arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 11-13.

<sup>5</sup> SCLIAR, Moacyr. *A Guerra no Bom Fim*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

<sup>6</sup> LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>7</sup> O livro se desenvolve a partir da “perturbação de identidade”, isto é, ele abre espaço para algumas coincidências entre o narrador e a pessoa real”. Ver, a propósito, ROBIN, Régine. *Identidad, memória, relato. La imposible narración de sí mismo*. Buenos Aires: Cuadernos de Posgrado, Facultad de Ciencias Sociales-CBC, UBA, 1996. Para Robin, “autoficción” seria “una ficción que alguien decide hacer de si mismo”. Ao contrário do autobiógrafo, que conta sua vida para encontrar nela um sentido ou uma justificação, o “autoficcionalista” é o artista que extrai de si emoções, sensações, imagens de pessoas e de espaços e as verbaliza.

<sup>8</sup> LAUB, 2011, p. 22.

<sup>9</sup> LAUB, 2011, p. 37.

<sup>10</sup> LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

<sup>11</sup> Ver o capítulo “O que significa elaborar o passado”, de Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, Editora 34, 2006, que retoma e discute a *Dialética do Esclarecimento* de Theodor Adorno.

<sup>12</sup> LEVI, 1988. p. 22.

<sup>13</sup> Remeto o leitor ao livro de Hans Keilson *Comédia em tom menor*. Trad. Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, publicado originalmente em 1947, em que o autor apresenta a história de um refugiado judeu na Holanda, após a ocupação dos Países Baixos, escondido por um casal de não judeus. O





---

judeu morre depois de um ano e o casal deixa um rastro que permitirá identificá-los como traidores do sistema, pois tinham auxiliado um judeu. Essa circunstância os obriga a se esconderem e viverem refugiados, postos ironicamente na mesma posição que os judeus. Essas mudanças de lugar interessam para romper oposições esquemáticas que, muitas vezes, prejudicam a reflexão sobre o ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>14</sup> LEM, Stanislaw. *Provocación*. Madrid: Editorial Funambulista, 2005.

<sup>15</sup> KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do terceiro Reich*. Trad. Apresentação e notas de Miriam Bettina P. Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

<sup>16</sup> Ver o trabalho de Ciryil Azlanov intitulado “O multilinguismo nos campos de concentração” (inédito). Como se sabe, a capacidade básica de comunicação era uma condição imprescindível para sobreviver nos campos de concentração. O único modo possível de sobrevivência foi a utilização da língua do carrasco. Essa língua era uma variação do alemão falado pelos SS e pelos delinquentes alemães. Não era só um socioleto, como também a fala de uma geração inteira, a geração do Terceiro Reich. Como costuma acontecer em sociedades revolucionárias (e, desse ponto de vista, o regime nazista foi revolucionário apesar de suas características ultrarreacionárias), os extratos baixos da sociedade alçaram-se a posições de responsabilidade e de poder, trazendo consigo hábitos linguísticos populares em vez de adotar as normas das elites. A nivelção da língua pela base provocou uma significativa simplificação das estruturas linguísticas, de modo que este alemão empobrecido foi relativamente fácil de aprender para quem ainda não o conhecia.

<sup>17</sup> MOSCOVICH, Cíntia. *Por que sou gorda, mamãe?* Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006. p.231.

<sup>18</sup> MOSCOVICH, Cíntia. O homem que voltou ao frio. In: \_\_\_\_\_. *Anotações durante o incêndio*. 2a. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 25-43.

<sup>19</sup> MOSCOVICH, 2001, p. 32.

<sup>20</sup> MOSCOVICH, 2001, p. 32.

<sup>21</sup> MOSCOVICH, 2001, p. 36.

<sup>22</sup> MOSCOVICH, 2001, p. 37.

<sup>23</sup> MOSCOVICH, 2001, p. 43.

<sup>24</sup> Ver o conto “Animal de dos semblantes”, de Margo Glantz, em *Historia de uma mujer que caminó por la vida com zapatos de diseñador*. Barcelona, Anagrama, 2005, p. 58- 93, em que a autora também mescla os acontecimentos do dia a dia com catástrofes, perseguições. Enquanto narra um história que apresenta uma profusão de cães que transitam, se movem e desaparecem, ela vai desvelando uma outra história protagonizada por judeus mortos na Shoá e por desaparecidos assassinados durante a ditadura militar argentina. Esses enredos subterrâneos convivem com outro feito de fatos usuais.



---

<sup>25</sup> Cf. YERUSHALMI, Yossef Hayim. *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*. Washington: University of Washington Press, 1982. Ver, também, "Memória coletiva", no sentido que lhe atribui Maurice Halbwachs, isto é, uma corrente de pensamento contínuo, de uma comunidade que não tem nada de artificial, pois não retém do passado senão aquilo que dele é ainda vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém: HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective: revue e augmentée*. 2. éd. Paris: PUF, 1968. p. 70.

<sup>26</sup> NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.